

## PSICODRAMA E PESQUISA PARTICIPATIVA: UM OLHAR ÉTICO-POLÍTICO-METODOLÓGICO

**Dayse Andrade Bispo Silva**

*Sociedade de Psicodrama de São Paulo (SOPSP) e Núcleo de Pesquisa Lógicas Institucionais e Coletivas, Psicologia Social, PUC-SP.  
dayse.bisposilva@gmail.com*

### Resumo

Nosso objetivo aqui é apresentar o Psicodrama como uma metodologia de pesquisa que tem um olhar ético-político-metodológico no qual os participantes da pesquisa tem um papel ativo no processo. Sabemos que há uma tradição dos psicodramatistas de analisarem suas abordagens pelo olhar da pesquisa-ação, mas aqui incluiremos uma forma de pensar a teoria/prática sob a perspectiva das pesquisas participativas com a postura ética da cartografia. Nesta perspectiva a noção de protagonista desloca do seu conceito original para abarcar a multiplicidade que se é provocada durante das dramatizações. Proporemos, por fim, uma confluência entre as noções de participativa, protagonista e protagonismo que irá potencializar esta forma de ser fazer pesquisa com psicodrama.

**Palavras-chave:** psicodrama, pesquisa participativa, protagonista.

### Abstract

Our aim here is to present Psychodrama as one methodologist of research that has an approach ethic-politic-methodological that the participants have an active role during the processes of reaching. We know that there is a tradition between psychodramatists who analyses their approaches as researches-action, however, here we include a way of thinking theories/practices under the perspective of participant researches with the ethics of cartography. In this perspective, the protagonist concept moves from its original to embrace the multiplicity, which is provoked during dramatizations. At last, we are proposing a confluence between concepts like participative, protagonist and protagonism, which potentializes this way of researching with psychodrama.

**Keywords:** psychodrama, participative research, protagonist.

O Psicodrama é um método de investigação do ser humano que privilegia a sua relação com o mundo; seria uma metodologia de pesquisa qualitativa da subjetividade (BRITO, 2006). Sabemos que há uma tradição dos psicodramatistas de analisarem suas abordagens pelo olhar da pesquisa-ação. Segundo Contro (2011), essa articulação se faz pelas duas abordagens terem objetivos de transformação das relações sociais, da micropolítica dos grupos e organizações visando a uma sociedade mais igualitária. Dentro das metodologias qualitativas, principalmente, das ciências humanas, a pesquisa-ação e a pesquisa-intervenção são as mais utilizadas. As duas atuam por meio da ação com os participantes, e têm o mesmo objetivo central: “realizar mudanças e produzir saber. A relação entre conhecimento e ação, portanto, ocupa uma posição de destaque” (CONTRO, 2011, p. 100).

Nosso objetivo aqui é aproximar esta abordagem com as metodologias participativas de pesquisa que tem como direção ético-político-metodológica uma participação ativa dos sujeitos envolvidos pelo campo-tema. Trabalha-se com o Método da Tríplice Inclusão, no qual (1) colocam-se lado a lado os *diferentes sujeitos* implicados na produção de conhecimento, (2) incluem-se os efeitos críticos ou os *analísadores* da pesquisa que emergem desta lateralidade, e (3) a pesquisa se efetiva como participativa a partir dos *movimentos coletivos*, na medida em que se produz uma experiência coletiva, com diferentes sujeitos em uma experiência de grupalidade (PASSOS *et al.*, 2013).

Tal aproximação metodológica nos parece coerente, pois há uma confluência de elementos entre o Psicodrama e a Pesquisa Participativa, como, por exemplo, a atenção à processualidade, a aposta no coletivo, a transversalidade dos papéis e a multiplicidade proporcionada.

A partir dessa característica metodológica que o Psicodrama possui, seguimos com o princípio norteador de que a construção de uma pesquisa, assim como de uma direção de grupo, segue a lógica de acompanhar os acontecimentos. Valoriza-se o *aqui e agora* aliado à postura clínico-político-estética na condução do trabalho. Seu rigor está no rigor do caminho, “sua precisão, está mais próximo do movimento da vida ou da normalidade do vivo (...). A precisão não é tomada como exatidão, mas como compromisso e interesse, como implicação na realidade.” (PASSOS; BARROS, 2009, p. 10-11).

Aqui tomamos a postura ética da cartografia para nos dar o aporte para essa articulação entre Psicodrama e Metodologias Participativas. A noção de cartografia é apresentada por Deleuze e Guattari na introdução de *Mil Platôs* (PASSOS *et al.*, 2009). A noção de fazer mapas (cartografar), e não decalcar, interessa-nos porque cartografar está inteiramente voltado para uma experimentação, “o mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói. Ele contribui para a conexão dos campos, (...) para sua abertura máxima sobre um plano de consistência” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 22). Em outras palavras, é através do encontro e do aqui e agora que construímos as relações e modos de existência no mundo. Fazer mapas é acompanhar esse processo de construção (como, por exemplo, a construção criativa e espontânea durante uma dramatização). Decalque seria acompanhar o que está acontecendo; cartografia seria acompanhar junto com o que está acontecendo. Isto é o que nos interessa: é um fazer COM, ao lado.

Tomando essa noção de “fazer mapas” esquizoanalítica, o ato de fazer pesquisa nos convoca a muito mais que uma reflexão metodológica, convoca-nos a uma postura ético-estético-política. O sentido da cartografia, pensada nessa proposição, coloca-se como um “acompanhamento de percursos, implicação em processos de produção de criatividade e momentos inéditos, conexão de redes ou rizomas” (PASSOS *et al.*, 2009, p. 10).

Podemos visualizar essa noção com um protagonista construindo sua cena, por exemplo: a construção do cenário, dos personagens, da trama, etc. seguem um fluxo construído em ato; numa lógica “caótica”, tanto consciente quanto inconsciente, que vai pela dramatização se modulando e ressignificando a história do protagonista. Ou seja, rizomas como linhas capilarizadas, ramificadas, sem começo, meio ou fim claros, porque são conexões que fazem e se desfazem constantemente.

O pesquisador acompanha seu tema, assim como o diretor acompanha seu protagonista. Isto é, as metas predeterminadas não podem se sobrepôr ao trabalho, ao contrário, os acontecimentos é que vão modular as metas.

Em primeira instância, encontramos uma questão filosófica que é o conceito da representação no Psicodrama e como a Filosofia da Diferença (principal referência da cartografia) tem toda uma bibliografia que critica fortemente essa noção. Para desenvolvermos essa crítica retornemos ao conceito de protagonista.

Segundo Alves (1994), ele é

(...) o elemento do contexto dramático que surge através de uma personagem no desempenho de um papel, questionador de sua ação e sua emoção, e é o representante emocional das relações estabelecidas entre os elementos de um grupo, ou entre diretor e cliente, que têm um projeto dramático comum. (ALVES, 1994, p. 94, grifo nosso)

Essa definição nos coloca na postura de sempre buscar a figura representativa do grupo, sob forma de protagonista, principalmente no *setting* psicoterápico. Porém, se também entendemos que a subjetividade é uma produção coletiva, parece-nos contraditório afirmar que essa “representação” significa que o protagonista vai agrupar os dramas coletivos num drama privado de um único sujeito.

Inevitavelmente, quando falamos de protagonista, falamos de representação, pois o processo de seu surgimento passa pela emergência de um drama do contexto grupal que poderá

ser representativo ao grupo, e, se for, ele passa a ser chamado de protagonista da sessão/ato. Se formos considerar que a produção de subjetividade acontece no coletivo e que seu processo está sempre em movimento e não estancado em ideias, máscaras ou papéis, compreendemos que a dramatização não pode ser lida como uma representação dessas instâncias fixas, como os filósofos leem o teatro e, numa primeira instância, o Psicodrama.

Deleuze (2000) fala da representação teatral como algo fixo, não elaborado, onde a encenação teatral seria como uma atuação, uma repetição do conceito, apenas um preenchimento do vazio cênico que precisa ser preenchido pelo desempenho de papéis e máscaras. Teria, então, o mesmo funcionamento do recalque freudiano, que é considerado um sintoma e que, através da associação livre, e principalmente da transferência, pode-se repetir os traumas, mas com processos elaborativos e, assim, “curá-los”.

Deleuze irá contrapor com a noção da dramatização, que seria uma espécie de embrião para o trabalho com conceitos que ele desenvolverá (DAMASCENO, 2011).

Para Deleuze, o método da dramatização é

Relacionar um conceito com a vontade de potência, para localizar o sintoma de uma vontade, sem a qual não poderia sequer ser pensado, nem o sentimento experimentado, nem a ação empreendida. Esse método corresponde à questão trágica, ele é o próprio método trágico. (DELEUZE, 1963 *apud* DAMASCENO, 2011, p. 161)

Este método consiste então em não tratar os conceitos simplesmente como representações abstratas, mas como sintomas de uma vontade que quer algo, relacionando-os com a vontade sem a qual não poderiam ser pensados. O pensamento tem que ser um teatro para a encenação dos conceitos através do jogo de forças em que estão envolvidos (PELLEJERO, 2010).

A filosofia esteve sempre ocupada com os conceitos, fazer filosofia é tratar de inventar ou criar conceitos. Só que os conceitos têm vários aspectos possíveis. Foram utilizados durante longo tempo para determinar o que uma coisa é (essência). Ao contrário, interessamo-nos pelas circunstâncias de uma coisa: em que caso, onde e quando, como, etc.? Para nós, o conceito deve dizer o acontecimento, e não a essência. (PELLEJERO, 2010, p. 81)

Nesse sentido a dramatização (ou o método dramático) propõe-se descobrir novas relações de força, reconstituir modos inexplorados de existência e inventar novas possibilidades

Se trouxermos essa análise para o Psicodrama, é a mesma reflexão. O modo de pensar representacional parte do princípio de que há verdade absoluta para além dos acidentes e variações da vida, que é contrário à proposta instituinte da utopia moreniana, que recusa a busca por uma universalidade metodológica e de praticabilidade (Zamboni *et al.*, 2014). Aqui, o protagonista é ator e autor ao mesmo tempo, ou seja, durante a dramatização, o sujeito está repetindo seu drama e ao mesmo tempo elaborando e criando diferentes respostas.

É o entrelaçamento, a comunicação entre contextos a possibilitar que autor, ator e personagem coexistam no contexto dramático. (...) Da mesma maneira, personagens identificados no contexto dramático, inicialmente, são “reconhecidos” no contexto social, quando nos deparamos, inicialmente com situações que os evocam, reiterando sua presença em nosso repertório vincular. (CONTRO, 2004, p. 37)

Queremos destacar esse conceito porque tradicionalmente no Psicodrama o protagonista é entendido como o emergente grupal, aquele que provavelmente irá representar o drama do grupo através do seu drama privado. Como discutimos anteriormente, não estamos buscando a representatividade dos participantes, mas provocar uma construção coletiva de cenas, ou, em outras palavras, uma construção coletiva de protagonistas.

O movimento protagônico está presente no contexto grupal, mas o protagonista se dará como tal no contexto dramático (ALVES, 1999). E para desvincular mais ainda da figura do sujeito participante, podemos escolher o dispositivo da Multiplicação Dramática, que trabalha o tempo todo com a noção de cena de um protagonista, ou cena demonstrativa de um protagonista. Sua cena é disparadora de ressonâncias de diversas ordens (cenas, gestos, sons, etc.). Portanto, trabalha numa produção do coletivo e não de uma única pessoa.

Assim, os participantes podem entrar em contato com suas emoções, numa dramatização protagônica potencialmente coletiva e com uma proposta de racionalização e produção de conhecimento também coletiva.

Essa divisão aqui é apenas didática, o que queremos nos apropriar aqui é justamente da indissociação do aspecto protagônico, no sentido de empoderamento que os protagonistas de cenas múltiplas podem desenvolver.

Mas, se formos levar até o limite essa discussão, poderíamos dizer que, se entendermos que a produção de subjetividade é sempre coletiva, inclusive nos grupos psicoterapêuticos, não

precisaríamos trabalhar apenas com protagonistas, mas sim, com cenas coconstruídas pelo grupo. E é com essa postura que utilizamos o Psicodrama na pesquisa: buscar acontecimentos que nos colocam numa exigência de criação coletiva, acreditar que podemos pesquisar ENTRE, JUNTOS e COM.

Possibilidades metodológicas de pesquisar COM, de construir COM, de se emocionar COM, de sentir COM...

### **Participação, Protagonismo e Protagonista: uma experiência de pesquisa**

Gostaríamos aqui de fechar nossa discussão articulando as interseções entre três grandes áreas que circunscrevem nosso olhar: pesquisas participativas, saúde mental e psicodrama. Durante uma pesquisa realizada para conclusão da tese de doutorado chamada “Pesquisa Participativa e Produção de Conhecimento: ferramentas para a reabilitação psicossocial no cotidiano das Residências Terapêuticas”, o nosso desafio proposto foi experimentar uma metodologia participativa que incluísse três vetores: participação (nas metodologias da pesquisa- intervenção), protagonismo (saúde mental) e protagonista (psicodrama).

Ao propor uma participação mais ativa dos sujeitos da pesquisa, no caso os profissionais ligados às Residências Terapêuticas (RTs), propusemos a criação de um espaço coletivo que colocasse o cotidiano do trabalho em pauta. A ideia não era apenas coletar dados, mas produzir os dados da pesquisa. O que estávamos buscando? Produzir um conhecimento que fosse o mais próximo possível da realidade cotidiana do trabalho nas RTs. Ao colocá-los numa metodologia na qual o caminho da pesquisa é traçado COM o grupo, pretendíamos provocar um protagonismo sobre o tema, uma validação e um registro do trabalho realizado por eles com os moradores das RTs.

O caráter participativo reafirma o sentido de intervenção da pesquisa e busca uma participação mais ativa dos sujeitos envolvidos. Significa fazer valer o protagonismo do "objeto de pesquisa" e a sua inclusão no processo de produção de conhecimento. Com essa postura, já intervindo na realidade dos participantes, pretendíamos desestabilizar “os modos de organização do conhecimento e das instituições marcadas pela hierarquia dos diferentes e pelo corporativismo dos iguais.” (KASTRUP, PASSOS, 2014, p. 26). Ser ação de pesquisar COM ou de "transversalidade em um plano comum" (idem).

A pergunta que nos fazíamos era: como potencializar durante a pesquisa o

empoderamento dos profissionais de RT que trabalham empoderando moradores de RT? Além de pensarmos numa pesquisa participativa, pretendíamos caminhar na direção do conceito de que a saúde mental trabalha sobre protagonismo, que, segundo Alvarez *et al.* (2013)

(...) diz muito mais respeito à possibilidade de refletirmos sobre nossas ações, como trabalhadores e usuários do SUS, tornando-nos co-responsáveis pelos processos de saúde, de forma que produza uma atenção e reflexão relacionadas às nossas práticas, e aqui, especialmente, às relações que estabelecemos na e com a rede de saúde mental, às práticas que produzem uma política de saúde mental, com os serviços nos mais diversos setores. (ALVAREZ *et al.*, 2013, p. 317)

Fala-se então da capacidade dos participantes de analisar e de intervir nos processos de produção de saúde, da capacidade de fazer política e, aqui também, da produção de conhecimento coletivo.

É somente na experiência desse plano comum que podemos falar de consensos possíveis, sem cair na consensualidade, como homogeneidade de opiniões ou ainda como concordância sobre os fatos. (...) A inseparabilidade entre ética e política se estabelece como reflexão sobre nossas ações no mundo e como ação sobre o mundo que estamos produzindo juntos. (ALVAREZ *et al.*, 2013, p. 317)

Além de contarmos com a potência da transversalidade, através da Tríplice Inclusão (diferentes sujeitos, analisadores e movimentos coletivos), seguimos o desenho de um método educacional psicodramático proposto pela Romaña (1992).

Acompanhando a construção das etapas psicodramáticas (aquecimento, dramatização e compartilhamento), a autora propõe que a produção de conhecimento possa acontecer em três níveis: aproximação indutivo-emotiva, aproximação racional ou conceitual e aproximação funcional.

Em outras palavras, a aprendizagem pelo método psicodramático passa pela *emoção*, *ação* e *razão*. Seria pelo contato com as emoções e os conhecimentos prévios que os participantes possuem que se constrói uma ação dramática e, a partir dela, pode-se construir um novo conhecimento, pode-se racionalizar sobre seu sentido e o que foi dramatizado. Assim, o conhecimento torna-se o mais próximo do participante possível.

(...) como ele é um método baseado no psicodrama, pensamos na necessidade de articular situações que sejam dramatizadas que

reproduzam a *realidade* do conhecimento, situações que o *simbolizam* e situações nas quais criamos outro contexto, ou outro ninho, para o conhecimento. (ROMAÑA, 1992, p. 61)

Tendo esse triângulo e essa tríplice referência, estimulou-se o contato com outros níveis de sensibilidade, outros níveis de conhecimento: emoção ação razão / diferentes sujeitos + analisadores + movimentos coletivos. Esse caminho possibilitaria validar conhecimentos que estão presentes no trabalho e, muitas vezes, fundamentais para um trabalho coerente e sensível que exige o campo da saúde mental.

Com isso vamos construindo caminhos de se pesquisar e de produzir dados, podendo “sustentar as desordens coletivas sem fechá-las no dispositivo, buscando neutralizá-las. Para tanto, é preciso tornar sociedade e indivíduo como multiplicadores, como espaços de produção de diferentes, e não como instâncias transcendentais aos processos de produção coletivos.” (ZAMBONI *et al.*, 2014, p. 269).

Todas essas articulações foram pensadas por se entender que o desafio de cuidar e não tutelar um morador de RT (ex-interno de hospital psiquiátrico) passa por uma sensibilidade, por uma sutileza no trabalho que muitas vezes não se consegue colocar no plano racional, sem dar vazão para essa experimentação. “De nada adianta a ‘consciência’ teórica e abstrata que não tem alicerces, que não é o produto de uma experiência vivida.” (NAFFAH NETO, 1979, p. 140).

O Psicodrama possibilita o contato com esse plano de conhecimento. Ele é o nosso disparador dos processos que nossa metodologia participativa propõe. Entrar em contato com os sentimentos, colocar na ação dramática e produzir conhecimento, ou participar, protagonizar e protagonizar.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, L. F. R. O Protagonista e o Tema Protagônico. In: ALMEIDA, W. C. (org.) **Grupos: a proposta do psicodrama**. São Paulo: Ágora, 1999.
- BRITO, V. Um Convite à Pesquisa: epistemologia qualitativa e psicodrama. MONTEIRO, A. M. (org.) **Pesquisa Qualitativa e Psicodrama**. São Paulo: Ágora, 2006. p. 13-56
- CONTRO, L. **Nos Jardins do Psicodrama: entre o individual e o coletivo contemporâneo**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2004.

- CONTRO, L. **Psicossociologia Crítica: a intervenção psicodramática**. Curitiba, PR: CRV, 2011.
- DAMACENO, V. Sobre a Ideia de Dramatização em Gilles Deleuze. **Dois Pontos**. v. 8, n. 2, p.157-174, 2011. Disponível In: <[revistas.ufpr.br/doisPontos/article/view/21519](http://revistas.ufpr.br/doisPontos/article/view/21519)>. Acesso em 22/10/16.
- DELEUZE, G. **Diferença e Repetição**. Lisboa: Relógio d'Água, 2000.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Rizoma. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. p. 11-37
- KASTRUP, V.; PASSOS, E. Cartografar é Traçar um Plano Comum. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. (orgs.). **Pistas do Método da Cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum**. v. 2. p.15-41. Porto Alegre: Sulinas, 2014.
- NAFFAH NETO, A. **Psicodrama: descolonizando o imaginário**. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- PASSOS, E., BARROS, R. B. A Cartografia como Método de Pesquisa-Intervenção. In: PASSOS, E., KASTRUP, V., ESCOSSIA, L. **Pistas do Método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 17-31.
- PASSOS, E., KASTRUP, V., ESCOSSIA, L. Apresentação. **Pistas do Método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 7-16.
- PASSOS, E. *et al.* Estratégia congestiva na pesquisa e na clínica em saúde mental. **Estudos Contemporâneos em Subjetividade**. v. 3, n. 1, 2013. p. 4-17. Disponível em <<http://www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/ecos/article/view/1110>>. Acesso em 02/08/2016.
- PELLEJERO, E. Mil Cenários – perspectivismo e dramatização na obra de Gilles Deleuze. **Saberes**. v. 2, n. 5, 2010. p. 79-117. Disponível em <<http://www.cchla.ufrn.br/saberes>>. Acesso em 23/08/2106.
- ROMAÑA, M. A. **Construção Coletiva do Conhecimento Através do Psicodrama**. Campinas, SP: Papirus, 1992.
- SILVA, D. **Pesquisa Participativa e Produção de Conhecimento: ferramentas da reabilitação psicossocial no cotidiano das Residências Terapêuticas**. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.
- ZAMBONI, J. *et al.* Os “Dramas” de J. L. Moreno e a Filosofia da Diferença. **Psicologia & Sociedade**. v. 26, n. 2, 2014. p. 261-270. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v26n2/a03v26n2.pdf>>. Acesso em 14/08/2016.